

O ESTRANHAMENTO (DO) ARTÍSTICO NA PRODUÇÃO DO EFEITO LOUCURA EM MUNCH (2023)

Mariana Bispo Barca (PIBIC/UEM), Renata Marcelle Lara (Orientadora). E-mail: rmlara@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Artes/Teoria e Análise Linguística.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Estranho. Edvard Munch.

RESUMO

Esta pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UEM), com financiamento da própria Instituição, parte da abordagem teórico-metodológica da Análise de Discurso (AD) materialista, em entremeios com a psicanálise lacaniana e freudiana. Pela observação de *fragmentos cênico-artísticos* (Lara, 2023) do longa-metragem *Munch* (2023) que dão a ver, ao mesmo tempo que perturbam, os efeitos de loucura atrelados ao artista norueguês Edvard Munch, objetivamos investigar a construção do *estranhamento* (do) artístico na produção do efeito loucura que sustenta a imagem dele como artista e se materializa no filme. Neste trajeto, somos movidas pelo dispositivo discursivo d'o *artístico como rasgadura da imagem* que nos leva a olhar a repetição de marcas discursivas no longa-metragem. Estas denunciam traços de um “mundo semanticamente normal” (Pêcheux, 2008, p. 34) que vão construindo e sustentando, no social, a imagem do artista como sujeito-desviante, e, ao mesmo tempo, desestabilizando-os. Pelo gesto do olhar, respondemos à inquietação discursiva sobre como a vida-arte de Munch vai configurando o *estranhamento* que resulta no efeito loucura em funcionamento na discursividade fílmica. Analiticamente, damos movência a sentidos de três obras do artista que se fazem presentes (in)diretamente no filme e participam da emergência do estranh(ament)o. Compreendemos esse sujeito-artista como errante em meio a tensões entre três instituições que produzem/propagam modos de apreendê-lo. Os resultados apontam para a significação artista-louco em um jogo de extremos entre denunciar um social que busca enquadrar como louco aquele que se desvia/destoa do instituído como “normal(idade)” e buscar normalizar o destoante, reenquadrando aquele que deforma.

INTRODUÇÃO

O longa-metragem *Munch* (2023) retrata artístico-biograficamente a existência do artista norueguês Edvard Munch ao longo de quatro períodos distintos de sua trajetória, pelo entremeio narrativo de ocorrências pessoais e profissionais. Pelo

modo como vai trazendo a relação vida-obra do artista, o filme constrói e propaga formas de significar/compreender sua personarartista. Mobilizadas pela repetição de termos e formulações em determinadas condições de produção, que o caracterizam como desviante à norma(lidade) social, ao mesmo tempo que o (des)estigmatizam como louco, tematizamos o *estranhamento* (do) artístico na produção do/no efeito loucura em *Munch* (2023). Partindo de *fragmentos cênico-artísticos* (Lara, 2023) em que se observa a (des)estabilização desse efeito, por meio de marcas discursivas em três obras do artista (in)diretamente apresentadas no filme, objetivamos investigar a construção do *estranhamento* (do) artístico na produção do efeito loucura que sustenta a imagem de Edvard Munch como artista e se materializa no filme *Munch* (2023). Como explica Frayze-Pereira (1985, p. 20) quanto à significação de loucura no espaço social, “[...] os termos segundo os quais se procura dar uma definição da loucura são, explícita ou implicitamente, sempre relacionais”, ou seja, “designa-se louco o indivíduo cuja maneira de ser é relativa a uma outra maneira de ser [...]”, sendo que “[...] esta não é uma maneira de ser qualquer, mas a maneira normal de ser”. Logo, ao ser visto/significado como desviante aos padrões e àquilo que se compreendia como normal(idade) nas condições sócio-históricas e ideológicas em que viveu (1863-1944), Munch é marcado e estigmatizado como louco.

Assim, no trajeto pela AD materialista em entrelaçamentos à psicanálise lacaniana e freudiana, objetivamos de forma específica: levantar e olhar intrincações de acontecimentos na vida-arte de Munch que participam da sustentação do estranho art(ista); observar marcas contidas em suas obras artísticas na emergência do *estranho-familiar* presente em *Munch* (2023); e percorrer discursivamente a relação entre o *estranhamento* do artístico e do artista intrincada a acontecimentos de sua vida e(m) seus efeitos na produção fílmica. Neste percurso, observamos que, pelo afastamento do fazer arte/artístico tal como vigorante no período em que estava inserido, Edvard Munch inquieta(-se), despertando o estranh(ament)o ao produzir deslocamentos na arte e no social. Da mesma forma, considerando, tal como ensinado por Freud (1996, p. 237), que “[...] aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho”, assim como “algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas”, e que “algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho”, compreendemos que é por meio de suas derivas no âmbito próprio da arte, divergente por si mesma, que o artista é visto como sujeito-*estranho*.

Além disso, guiadas pela compreensão e formas de tratamento direcionadas aos sujeitos socialmente significados como loucos no momento sócio-histórico do qual Munch fazia parte, bem como ancorando-nos em *fragmentos* que, na materialidade fílmica, representam o espaçamento entre 1908-1909, durante o qual o artista esteve internado na clínica de reabilitação coordenada por Daniel Jacobson (1861-1939), consideramos que “[...] a imagem que se constrói do louco é aquela de um sujeito de direito incapaz (de exercer os seus próprios direitos) e um sujeito incômodo (que fere ou afronta as ideologias dominantes)” (Godoy, 2016, p. 143). Isso nos fez olhar para as formas como a instituição científica (re)produzia/reproduz sentidos acerca de tais sujeitos, examinando os modos pelos quais a materialidade

fílmica movimenta esta autoridade para também produzir significações acerca da persona de Munch. Ademais, sondamos, no interior próprio da discursividade fílmica, a sustentação e/ou perturbação de tais compreensões em relação à persona deste artista, notando como, do mesmo modo, concepções outras são elaboradas, edificando percepções e sentidos sociais em torno do norueguês.

Por fim, neste entremeio, são analisadas na intrincação presença-ausência/ausência-presença na discursividade fílmica três obras do artista, *A Criança Doente* (1885/1886), *O Grito* (1893) e *Autorretrato com Cigarro* (1895), assinaladas, desde a estruturação de seus títulos, por termos que marcam desvios ao socialmente compreendido como normal, manifestados também na composição visual das produções e marcados pelos dizeres que se produziram em torno delas. Elas foram selecionadas por regularidades que apontam e simultaneamente desestabilizam a concepção da persona de Edvard Munch como sujeito-*estranho*.

MATERIAIS E MÉTODOS

Suportada pela Análise de Discurso materialista em seus enlaces com a psicanálise, o desenvolvimento desta pesquisa se teceu pela costura entre materiais que abordam noções discursivas, psicanalíticas e histórico-filosóficas, revisão bibliográfica da produção artística e biografia de Edvard Munch, bem como o levantamento e exame das condições de produção referentes ao período no qual o artista estava inserido e produções sócio-histórico-culturais que então se desdobravam. Tendo por objeto discursivo de análise o *estranhamento* do/no efeito loucura em *Munch* (2023), o *corpus* da pesquisa se configura por *fragmentos cênico-artísticos* (Lara, 2023) do longa-metragem que nos possibilitam discernir efeitos atrelados a Edvard Munch e seus trabalhos como fonte geradora de *estranhamento*, despertando o efeito loucura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pela quebra de padrões e fuga àquilo que vigorava como arte no espaço de tempo que estava inserido, Munch inquieta. Por meio das mudanças em sua arte e desvios no âmbito social, provocados pela escolha dos círculos e ambientes pelo norueguês frequentados, bem como pelos valores nestes defendido, o artista rompe com aquilo que Pêcheux (2008, p. 34) denomina um “mundo semanticamente normal”, em que vigora “[...] essa falsa-aparência de um real natural-social-histórico homogêneo coberto por uma rede de proposições lógicas [...]” (Pêcheux, 2008, p. 32). Portanto, daí se afastando, desperta o estranh(ament)o e instaura-se no domínio do estrangeiro: “[...] o que há de mais exterior e íntimo, de mais estranho e familiar”, passível de “suscitar angústia e horror [...]” (Souza, 1998, p. 156). Por suas transgressões, emerge como louco; aquele que se opõe ao que se constitui como a regra e a normalidade.

CONCLUSÕES

O desenvolvimento da pesquisa dá a ver, pelo levantamento das condições sócio-histórico-biográficas e ideológicas envolvendo o artista Edvard Munch, que se materializam em *fragmentos cênico-artísticos* do longa-metragem, assim como pelas três obras intrincadamente observadas como presença-ausência/ausência-presença, a estruturação de sua *persona* como socialmente acometida pela loucura, julgamento que se propaga por meio da repetição de dizeres no/do social. Assim, o efeito loucura produzido pelo estranh(ament)o por Munch despertado aponta para a sustentação/deestabilização da imagem artista-louco na discursividade fílmica em meio a um jogo de extremos: entre denunciar um social que busca enquadrar o não-conforme, significando-o e tratando-o como louco, e uma tentativa (in)consciente de reenquadrá-lo, agora como gênio, na medida mesma em que se mantém, nesse funcionamento, o mecanismo do estigma(tizar).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pelo cuidado e paciência ao longo desta trajetória, e à minha orientadora, pelas trocas e apoio ao longo de todo o desenvolvimento da pesquisa. Estendo minha gratidão à UEM pela oportunidade e financiamento do projeto. Também aos membros do GPDISCMIÍDIA-CNPq-UEM, pelo amparo e discussões que fortaleceram o avanço deste PIBIC.

REFERÊNCIAS

FRAYZE-PEREIRA, J. A. **O que é loucura**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

FREUD, S. O 'estranho' [1919]. In: SALOMÃO, Jayme (dir.). **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVII. p. 233-271.

GODOY, A. B. de. **A loucura como constructo discursivo e sintoma social**: uma análise do funcionamento da ideologia e do inconsciente na constituição dos sujeitos. 2016. 330 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LARA, R. M. O analista de discurso no espaço entre das tensões em processo. In: SOARES, A. S. F.; GARCIA, D. A.; VIEIRA, N. C. (org.). **Tornar-se analista de discurso**. Campinas: Pontes, 2023. p. 85-109.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5 ed. Campinas: Pontes, 2008.

SOUZA, N. S. O estrangeiro: nossa condição. In: KOLTAL, Caterina (org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta, 1998. p. 155-163.